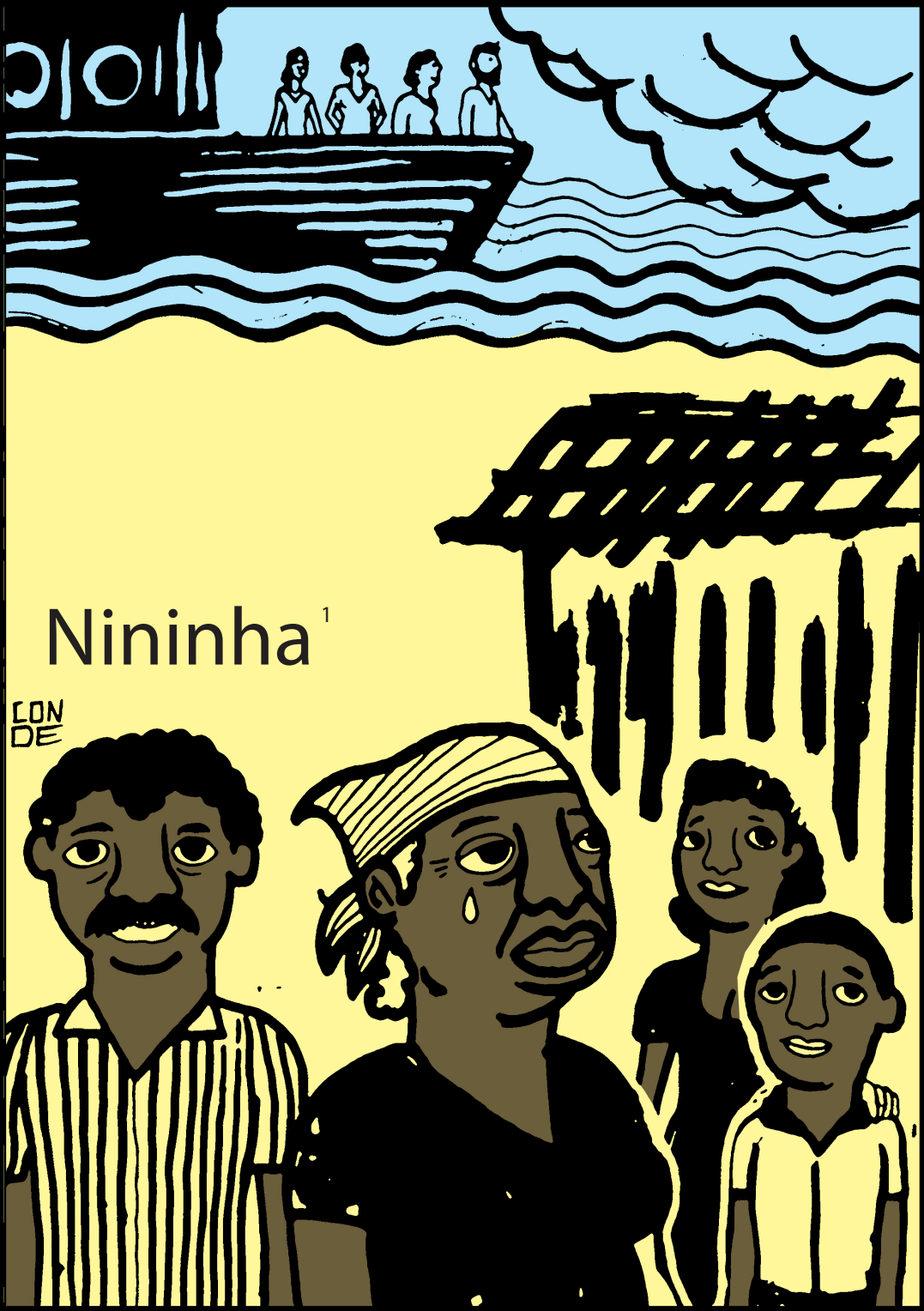
Nininha[1]
CON
DE

Era uma manhã de sol na cidade de São Luís Gonzaga e a equipe da unidade itinerante Lampião se preparava para visitar o povoado Santa Maria, uma região quilombola, bem no centro de sua área de adscrição. Lá se chegava somente de carro e depois de atravessar a Balsa Mosqueiro, sob muito sol...

O médico Joventino Magalhães de Farias era o mais empolgado. Ele havia iniciado suas atividades há pouco mais de dois meses e ainda não tinha conseguido visitar a casa de Dona Nininha, 55 anos, viúva de Luís Antônio, chamado por todos de Nego Barreto, um dos descendentes dos primeiros negros que viviam naquele quilombo e que morrera de infarto aos 50 anos, há 15 anos, deixando a viúva e seus oito filhos.

Dona Nininha, uma, senhora famosa pelos seus bordados, querida por todos, há tempos, queixava-se de muita tristeza para a agente comunitária Rayane, desde que os dois filhos mais novos, os últimos que ainda moravam com ela foram tentar a vida no Rio de Janeiro.

A doutora Jéssica, médica que trabalhava na unidade antes dele, deixou escrito que era importante visitar Dona Nininha. Estava no prontuário: "vizinha da paciente informa que viu a mesma comprando chumbinho na agropecuária Santa Maria. Atentar para risco de suicídio",, mas como ela saiu às pressas da equipe para atuar em outro município que pagava bem mais, não pode fazer nada... Joventino se preocupou ainda mais quando viu que, após esse registro, o médico "tapa-furos" que vinha uma vez por semana antes de ele ser efetivado, tinha renovado para Dona Nininha, em um mês, três receitas de 02 caixas de diazepam.

O doutor Joventino queria muito fazer um bom trabalho, mas sabia também que ninguém ficava muito tempo naquela unidade, pois as condições de trabalho não eram as melhores, apesar do salário não ser ruim... Pensava ele,

---

[1]O Caso Nininha, de autoria de Fabrício Costa, Otávio Pereira D'Avila, Aline Blaya Martins, Aline Arrussul Torres, Aline Iara de Sousa, Pablo de Lannoy Stürmer e Martin Taborda da Silva foi desenvolvido para o Núcleo Profissional do Curso de Especialização em Saúde da Família UNASUS/UFCSPA.

quando a enfermeira Kenany entrou na sala e despertou seus pensamentos...

- Distraído Joventino? O motorista está nos chamando. O ônibus está de saída, e precisamos nos acomodar nas cadeiras e colocar os cintos.

- Pois é Kenany... Hoje dei uma revisada nos prontuários do pessoal de Santa Maria e fiquei aqui pensando na Dona Nininha. É uma pessoa que precisa muito do nosso cuidado pelo jeito.

- É... (Diz a enfermeira, lembrando que não chegou a revisar ainda o prontuário do caso para a visita que faria mais tarde com o jovem médico). Então vamos lá, só falta você se ir para o seu lugar para podermos sair.

E lá se foi a equipe Lampião... Alguns quilômetros de asfalto, alguns quilômetros e balsa e mais um tanto de estrada de chão e... Finalmente chegam ao povoado de Santa Maria.

Assim que o ônibus parou já se faz um ajuntamento de gente. Chega ser difícil organizar o povo, uns querem saber da dentista, outros da enfermeira... Tem aqueles que só estão numa gastura para pegar os remédios, que não vem há mais de mês... E ainda tem um eito de gente que quer ver o médico...

Dr Joventino e a técnica Iracema vão fazer o acolhimento do pessoal enquanto a Dra. Rebeca, a dentista da equipe , arruma as suas coisas para as visitas domiciliares. Organizada a bagunça, doutor Joventino faz uma lista de quem vai pegar remédio, fazer vacina, curativo... Nesse meio tempo, Kenany e Iracema já estão com a sala de vacina montada, e vão aplicando e conferindo as carteirinhas da meninada...

Joventino aproveita então e faz uma lista de visitas para ele e outra para Rebeca... Não é fácil essa rotina, pensa o Dr. com pena do povo que espera tanto tempo e dele mesmo que vai ter que dar um jeito de ver toda aquela gente e ainda conseguir visitar Dona Nininha, que não saía de seus pensamentos...

Ele estava sinceramente tocado pela fala da agente sobre a querida senhora, que pelo jeito estava sentindo-se só neste pedaço de mundo à parte...

Cada um segue para dentro do ônibus para arrumar a sua saída, e a Dra Rebeca esbraveja:

- Viche, desse jeito não dá não, não fico não... Há seis meses peço uma auxiliar e não me mandam, depois dizem que a gente que só passeia... Tenho sete visitas para fazer, material para organizar e tudo para ajeitar na volta. Qh diacho de vida! E pensar que lá no posto a Madá tem tudo...

- Calma Rebeca, deixa os nomes das pessoas e a indicação das casas que eu peço para a Cema ir te ajudar quando der uma folga aqui. Diz Kenany

- Ai Kenany, não vou me aperrear, vou fazer o que dá. Mas, uma ajuda sempre vem bem. Se a Iracema não se importar, vai ser benvinda, pois sozinha não vou dar conta. (Rebeca)

Lá se vão então o Dr, a dentista, e mais uns cinco ou seis garotos que indicam as casas e contam as histórias do dia a dia, e que gostam da função com a chegada da equipe Lampião na difícil, mas alegre, vida da comunidade quilombola.

Uma das visitas rotineiras da Dra. Rebeca no povoado é na casa do menino Zacarias. Zaca tem anemia falciforme e como já teve uma crise álgica bem feia por causa de um problema num dente, a mãe morre de medo que possa ter outra. Então tem que cuidar dos dentes, afinal é um ciclo a doutora explicou, tanto a dor do dente pode levar a uma crise, quanto a crise pode causar dano para os dentes.

- E então Maria, como está o Zaca, já vi que anda numa fase boa. Estava lá na frente do ônibus me chamando.

- Graças a Deus anda bem doutora. A gente entrou agora para o bolsa e já está ajudando um pouco para fazer o menino comer um pouco melhor. Ele tá com as vacinas em dia e os pezinhos e as mãos não tem inchado tanto.

- Então tá. Zaca, bora deitar aqui na mesa para eu ver essa boca.

Zacarias deita na mesa da sala, que é o lugar mais iluminado da casa e o único em que a doutora consegue se acomodar para atender o menino.

- Ai, ai, ai menino... Não dá para dar uma folga para você que já se descuida! ...

Rebeca suspira e vira para mãe:

- Maria, vamos ter que raspar e escovar os dentes do Zaca. Vou te dar o antibiótico, você dá para ele e eu vou fazer outras visitas, na volta, limpamos os dentes deste danado... Afinal, temos que aproveitar as fases boas. Deus o livre, esse menino ter uma infecção na gengiva. E já te adianto que você vai ter que voltar a supervisionar a escovação dele.

- Viu Zaca... Diz a mãe.

- Tá né mãe, já tô até me acostumando com esse monte de coisa...

Olhando para o horizonte o garoto fala:

- Tem que fazer isso e aquilo porque tá doente, para melhorar a dor. E se tô bem, tem que fazer mais aquilo e aquilo que é para não ficar doente... Aff... A única coisa boa é que pelo menos a doutora me conta a historinha do peixinho que perdeu o dente.

- Então tá, ficamos combinados. Diz Rebeca. Você toma o remédio e me espera, aí limpamos os dentes, ouvimos as histórias e depois desenhamos o peixe.

E assim a dentista segue seu caminho... A próxima visita será na casa de Dona Nazaré, uma senhorinha que o filho disse que está com muita dor no dente e inchaço no rosto.

No caminho Rebeca pensa que deve ser um abcesso causado por um problema endodôntico ou periodontal que não foi tratado... Automaticamente suspira... É duro pensar sobre como é difícil conseguir organizar a demanda e pensar em fazer prevenção, educação...

...Quando eu tiver uma técnica para me ajudar, vou fazer um planejamento para cada comunidade que vamos... Se não nunca vou para de apagar incêndio...

(Pensa a dentista)

Neste meio tempo, na sala de vacinas improvisada na varanda de Dona Maria, a enfermeira Kenany ouve seu nome ser chamado por Seu Siqueira, um dos líderes da comunidade e que se empenha em ajudar a equipe na organização do atendimento daquela população tão carente de tudo...

- Bom dia, enfermeira, que bom que já estão todos aqui... Eu tô desde o início da semana, mandando os moleque lembrar as mãe de trazer as carteiras para senhora... Pelo jeito funcionou...

- Bom dia, Seu Siqueira, deu muito certo o seu empenho... Eu agora estou finalizando as últimas carteiras para ir com o Dr. Joventino visitar a Dona Nininha... O senhor tem notícias dela? Perguntou a enfermeira, sabendo que nada escapava às vistas daquele esperto líder comunitário...

- Ah, enfermeira, a Dona Nininha não é mais a mesma... Vive só com as suas lembranças, não sai quase de seu casebre e nem faz mais seus bordados que são um sucesso na feira... Uma judiação... Desde que seus filhos foram pro Rio de Janeiro tentar a sorte grande.

Ela tá que dá dó... As mulheres bem que tentam ajudar e se revezam nas visitas para alegrar a comadre, mas nada... Sempre que vão lá, ela se assusta com o barulho das palmas, diz que o coração salta pela boca e fica num chilique só. Confessou para Dona Zefa, sua vizinha, que não prega o olho mais que uma hora por noite, mesmo usando três daqueles comprimidinhos faixa preta de uma vez, porque fica pensando como estão seus filhos lá no Sul, já que não mandam notícia. Que bom que vocês vão por lá hoje.